

RELAÇÃO HOMEM-MULHER NO PENSAMENTO DE KAROL WOJTYLA NA ANTROPOLOGIA ATUAL

Edwin Casadiego Ortega*

Resumo: *Esta pesquisa aborda, numa visão antropológica, a relação homem-mulher como uma experiência essencialmente humana na perspectiva do pensamento de Karol Wojtyla e em diálogo interdisciplinar com pensadores modernos e contemporâneos como Baumam, Guiddens Lypotvetsky, Scola e Petrini. O trabalho de pesquisa será desenvolvido em três núcleos temáticos: O primeiro faz referência à problemática da vulnerabilidade da família na contemporaneidade. O segundo fará referência à proposta de uma antropologia adequada no pensamento de Wojtyla. E o terceiro será uma interpretação crítica da proposta de Wojtyla e os pensadores modernos e contemporâneos, fazendo referência às categorias propostas na pesquisa, para terminar com umas conclusões pertinentes. Tendo em conta o enfoque teórico da pesquisa, a metodologia escolhida é de análise bibliográfica, fazendo uso da hermenêutica em três fases: descritiva, interpretativa e elaboração teórica. Por meio desta metodologia se pretende abordar de maneira crítica o pensamento de Wojtyla. Este autor move-se numa perspectiva fenomenológica e realista, cujas raízes se encontram na metafísica tomista, o que torna interessante a forma como ele constrói uma visão antropológica da relação homem-mulher. Não se pretende fundamentar um modelo de família, e sim, a possibilidade de realização humana na relação entre gêneros e gerações, na pluralidade de modelos familiares.*

Palavras-chave: Família; Gênero; Gerações; Amor humano

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo da pesquisa é a relação homem-mulher no pensamento de Karol Wojtyla, como uma experiência essencialmente humana. O problema de análise do pensamento do autor consiste na visão que se tem do relacionamento do homem com a mulher e vice-versa, sugerindo a necessidade de uma antropologia adequada que não pode ser entendida como um reducionismo e sim como um centrar-se no que poderia ser essencial na relação homem-mulher.

O presente trabalho vincula-se à linha de pesquisa Família e sociedade (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea - UCSal) e almeja estabelecer um diálogo entre a visão antropológica do pensamento de Karol Wojtyla com pensadores modernos e contemporâneos como Donati, Bauman, Guidens, Castells, Scola, dentre outros, instaurando um contexto pluralista e multidisciplinar que leve a entender a cooperação entre os sexos e entre as gerações.

A presente pesquisa bibliográfica desenvolve-se através de uma atitude reflexiva que reconstrói a teoria do pensamento de Wojtyla na sua percepção antropológica a partir de uma proposta hermenêutica, já que se faz uma interpretação do conhecimento acumulado que pode ser encontrado em alguns livros e escritos onde pode ser encontrado o pensamento filosófico e teológico do mencionado autor. Basicamente serão escolhidos os primeiros livros escritos da sua obra e onde ele segue o método fenomenológico, com influências do realismo tomista.

A presente pesquisa pretende compreender as raízes do conceito de homem utilizado por Wojtyla e como se pode estabelecer um diálogo interdisciplinar com a visão antropológica no mundo atual. Para isto será realizada uma revisão crítica literária pertinente, tendo como ponto de referência as categorias família, gênero, geração e amor humano, que são abordadas pelos

* Mestrando em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: ortega.ed@terra.com.br. Autor.

autores internacionais e nacionais Donati, Bauman, Guiddens, Lipoveski, Scola e Petrini para, posteriormente, entender o pensamento de Karol Wojtyla na sua visão de uma antropologia adequada.

O objetivo geral da pesquisa é realizar um estudo crítico e sistemático do pensamento de Karol Wojtyla sobre os fundamentos éticos, filosóficos e teológicos de uma antropologia adequada, procurando elucidar fatores constitutivos do amor humano e das relações familiares, no contexto do pluralismo cultural, ético e religioso da sociedade contemporânea. Interessa, além disso, evidenciar autores e universos axiológicos com os quais Karol Wojtyla dialoga. Os objetivos específicos são: a) compreender o valor da pessoa e da família em suas suas diferentes dimensões, levando em consideração as mudanças culturais, políticas, econômicas e religiosas que caracterizam a sociedade contemporânea; b) analisar o que facilita e o que dificulta a liberdade humana nas relações familiares para configurar uma íntima comunidade de vida e de amor que proporcione a realização da pessoa; c) entender o valor da nupcialidade como projeto comum de vida entre o homem e a mulher, que dá origem ao matrimônio e à família; c) compreender a tríplice relação entre o amor, procriação e sexualidade como parte constitutiva da identidade pessoal e das relações familiares.

Verifica-se, na sociedade atual, um conjunto de mudanças aceleradas nos mais diferentes aspectos da realidade. Isto produz, simultaneamente, sentimentos de assombro e de admiração e, ao mesmo tempo, de medo e angústia, alterando significativamente a consciência de si das pessoas e as relações familiares no cotidiano. Como consequência dessas circunstâncias históricas, o momento presente está caracterizado por uma flutuação dos valores e dos critérios que orientam a conduta, em todos os aspectos da realidade e, particularmente, nas relações entre gêneros e entre gerações.

É verdade que a família encontra-se novamente num pedestal, mas ao mesmo tempo, nunca houve tantos divórcios, tantas uniões livres, tantos filhos fora do casamento. Em resumo, cada um se impõe como um ator livre das antigas imposições coletivas. O novo sopro ideológico da família não significa de forma alguma uma reabilitação dos deveres familiares, ou seja, submissão do indivíduo aos deveres em relação à coletividade representada pela família, mas ascensão de uma família psicologizada, *à la carte*, emocional, gerida segundo o princípio da autonomia individualista (LIPOVESKI, 2004a, pág. 28)

A fragmentação cultural, ética e religiosa vai dissolvendo não somente a família patriarcal, mas também a família nuclear que lhe sucedeu. Emerge na realidade uma pluralidade de formas familiares, aceitas ou rejeitadas.

O autor aqui estudado identifica a cooperação entre os gêneros e entre as gerações o núcleo de experiência presente em qualquer modelo familiar. Utilizando o método fenomenológico, toma como ponto de partida a experiência elementar, isto é, as exigências de liberdade, verdade, de justiça, de felicidade, de amar e ser amado, assim como é efetivamente percebida pelos sujeitos humanos em seu cotidiano e identifica as relações familiares como o espaço para o encontro das respostas mais satisfatórias a essas exigências. Nesse horizonte, toma as distâncias do individualismo, bem como da mentalidade banal e das tendências ao niilismo.

Diante da problemática sobre a relação homem-mulher, Karol Wojtyla descreve os elementos constitutivos de uma antropologia adequada, para compreender de maneira abrangente as dimensões humanas das relações entre homem e mulher e procura identificar os significados duradouros da existência, entendendo por experiência essencialmente humana aquele ato no qual se estabelece um contato direto com a pessoa humana e se capta sua identidade específica: a qual é consolidada em sua especificidade (WOJTYLA, 2005, 23-44)

A proposta de uma antropologia adequada busca delimitar uma visão de homem e mulher capaz de dar razão da totalidade dos fatores humanos que podem ser observados na realidade.

Não se trata de fazer uma nova antropologia, mas sim de descobrir o que mais responde às exigências elementares. A unidade que se estabelece na relação homem e mulher é uma soma onde não se negam às partes, onde as diferenças são respeitadas dentro de uma complementaridade.

A comunhão conjugal se expande na comunidade familiar. É o lugar próprio da genealogia da pessoa: o lugar próprio de seu crescimento.

1. A FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

As mudanças estruturais no campo econômico e social determinaram, por sua vez, as mudanças na estrutura familiar (PETRINI, 2003). A família de hoje tem aspectos e características tão particulares que não seria possível falar de um modelo de família vigente e sim de núcleos familiares dissimiles, com mudanças profundas em relação à chamada família tradicional ou patriarcal.

Não há critérios unificados, nem social, nem culturalmente, que indiquem uma estrutura familiar uniforme. Fatores com a maior ou menor religiosidade, a pureza ou mistura de costumes, a influência dos meios de comunicação, propiciaram estruturas familiares socialmente aceitas por alguns e rejeitadas por outros.

Os sexos são muito diferentes culturalmente. O ser e a imagem masculina não podem equiparar-se com a feminina. Tradicionalmente o homem e a mulher tiveram papéis claramente delimitados; contudo, a difusão destes limites é hoje um dos elementos da problemática da família: Os modelos de comportamento que regulamentavam as relações entre os sexos e as relações de parentesco foram abandonadas. (JACQUET, 2004, p. 17)

Mesmo assim, apesar da crise e das reacomodações pelas quais a família passa, esta situação continua sendo a base para a formação dos valores necessários que garantam a construção do público como o espaço no qual se desenvolve a vida da sociedade.

A família contemporânea se desinstitucionalizou (DONATI, 2002), deixando de ser um lugar de produção e se centraliza no consumo. A família já não assegura as funções de assistência que em outros tempos se encarregava. As funções que conserva como a socialização dos filhos, são partilhadas com outras instituições, nesta representação a célula familiar parece débil (SARACENO, 1997).

Os processos de industrialização segmentaram a família, primeiro no afastamento da rede de parentesco, logo reduzindo o tamanho do grupo doméstico a uma família nuclear com um reduzido número de filhos (CASTELLS, 2003). Este grupo passou a ser uma unidade de moradia e de consumo; perdeu, como mencionado anteriormente, suas funções de produção, suas funções políticas e religiosas. A função principal que lhe resta é a de socializar a criança e sobretudo assegurar o equilíbrio psicológico dos adultos (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Outro discurso, pelo contrário, reconhece na família um recurso para a pessoa e para a sociedade, ainda indispensável para o bem-estar das pessoas e para a paz social (PETRINI, 2003). O casal e, em segundo lugar os filhos, capitalizaram os sentimentos que não podem expressar-se em uma sociedade desumanizada.

Uma parte da Sociologia, através de seu discurso, mostra a família em um estado de vulnerabilidade (JABLONSKI, 2005), chegando a afirmar que é uma instituição em decadência (COOPER, 1973).

A dissolução de lares, por meio de divórcio ou separação dos casais, constitui o primeiro indicador de insatisfação de um modelo familiar baseado no comprometimento duradouro de seus membros [...] Em segundo lugar a crescente frequência com que as crises matrimoniais se sucedem, assim como a dificuldade em compatibilizar casamento, trabalho e vida, associa-se a outras

tendências importantes: o adiamento da formação de casais e a formação de relacionamentos sem casamento [...] Em terceiro lugar, como resultado dessas diferentes tendências, associadas a fatores demográficos, como envelhecimento da população e diferença de taxa de mortalidade entre os sexos, surge uma grande variedade de estruturas domésticas [...] Em quarto lugar, como a instabilidade familiar com relação a seu comportamento reprodutivo, a crise da família patriarcal estende-se às crises dos padrões sociais de reposição populacional... (CASTELLS, 2002, p. 173- 174)

Além disso, causa surpresa o fato de que a maioria dos jovens manifesta o desejo de formar uma família e os adultos de manter o vínculo familiar. Isto não nega que nos últimos tempos foi-se gerando uma incerteza sobre o futuro da família como a primeira instituição social; basta colocar como exemplo os discursos cotidianos que mostram o declive dos valores tradicionais e o aumento dos divórcios, apesar disso, fica claro que a grande maioria das pessoas quer viver no amor, partilhar com outra pessoa e em muitos casos transportar este amor a outros: aos filhos, sejam biológicos ou adotados.

Toda esta realidade que começa a ser observada no entorno familiar, desperta o interesse de responder às transformações que se originaram, na maneira de compreendê-la e assumi-la. O importante talvez é que a família continua sendo ponto de referência para a realização da pessoa humana (JOÃO PAULO II, 2005).

O crescimento do divórcio e dos agregados monoparentais, a emergência das famílias recompostas, as famílias gays e a popularidade da coabitação são algumas das temáticas que geram interesses. No entanto, estas transformações não podem ser compreendidas se as separamos das grandes mudanças que ocorrerem na nossa época de modernidade tardia (GIDDENS, 2005. p. 180)

2. A CONCEPÇÃO CLÁSSICA DA FAMÍLIA MODERNA.

A família é vista como algo vital para uma sociedade e para o ser humano. Não existe nenhuma outra instância que ordene, de maneira tão significativa, processos tão elementares e complexos para a reprodução social, como são as reproduções biológicas, as socializações dos mais jovens, a reprodução econômica básica, as relações intergeracionais, a regulação e canalização dos sentimentos e a regulação da conduta sexual. Engels levantava a hipótese de que a aparição da família conjugal estava relacionada com um modo de apropriação privada, com o desejo por parte do chefe da família de transmitir uma herança (ENGELS, 1981)

Outra tarefa fundamental da família é a de educadora e formadora das crianças. A socialização nas formas de vida reconhecidas pela comunidade é a base da reprodução social. Se bem o Estado colabora através da educação formal, e os meios de comunicação fazem sua parte afetando nas maneiras de entender o mundo em processos acumulativos e a longo prazo, é no seio da família onde a criança constrói seus primeiros referenciais, os que serviram para assimilar e acomodar todos os estímulos que ao largo de sua vida recebe (GIL, 1992).

Por outra parte, a família ordena os comportamentos econômicos básicos porque se bem a nível macro estes estão regulados de maneira externa pelo mercado laboral, a família passou a ser a célula de consumo por excelência, quando antes era a célula produtiva por antonomásia. Com a industrialização, o patrimônio e os modos de produção de riqueza se transformaram e com eles se transformou também a vida interna da família: a urbanização aparece em cena, agora quando a família deixa de ser uma fonte autônoma de produção, tem que obter externamente os insumos que requer para sua sobrevivência, com a qual entra de cheio as lógicas de consumo massivo e assim suporta o macro sistema de produção econômico. O *homo oeconomicus* e o *homo consumens* são homens e mulheres sem vínculos sociais. São representantes ideais da

economia de mercado e os tipos que agradam aos analistas PNB (Produto Nacional Bruto) (BAUMAN, 2004. p. 90).

Em nenhum outro espaço se acentuam as lutas de poder e de negociação geracional ou de gênero como na família. É na família onde se aprende os roles de homens e mulheres, mas também é o espaço onde se ordenam as relações intergeracionais. A propósito da força que o mercado laboral aplica o interior das famílias, estão os reencontros entre os roles dos netos e dos avós. Na sociedade da separação e do divórcio, a família nuclear gera uma diversidade de novos laços de parentesco associada, por exemplo, às chamadas famílias recombinadas (GIDDENS, 2002. p. 109).

Em família também se regulam e canalizam os afetos e sentimentos porque é aí onde se pode mostrar como realmente se é, é aí onde as pessoas reconhecem seus defeitos e virtudes, portanto é o lugar onde os afetos podem chegar a ser mais autênticos. As relações entre o casal estão mais determinadas pelos sentimentos e por bem-estar de cada um deles. Quando estes desejos não são alcançados a decisão é a separação.

O termo relacionamento, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente. Para esclarecer o que está em jogo aqui, podemos introduzir a expressão relacionamento puro para nos referirmos a este fenômeno... Para maior parte da população sexualmente normal, o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento. Mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro (GIDDENS, 2002. p.69-69)

3. A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

A família atual deve analisar-se à luz do momento histórico que lhe corresponde, o qual supõe, no presente e no passado, oportunidades e pressões para sua consolidação. Neste sentido, as lógicas da vida contemporânea deixaram de centralizar-se nos ideais homogêneos e definidos que caracterizaram a era moderna e se encaminharam no processo de desmitificação, o individualismo e o risco que se manifesta no hedonismo, o consumo massificado, a fragmentação e a precariedade (Cf LIPOVESKI, 2004).

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro (BAUMAN, 2004 p. 21)

Os perigos da modernidade tardia implicam que, ao dar-se a ruptura com o modelo baseado na tradição, se obriga o indivíduo a fundamentar-se em si mesmo, tomando consciência das implicações de suas eleições; com isto, se vai visualizando a expansão correlativa dos riscos e medos que entram em cena. A percepção de ter um leque de possibilidades dispostas e factíveis de serem eleitas pelo indivíduo, que levam a uma realidade caótica porque o que se faz evidente é a responsabilidade do que elege, os erros ou omissões são referidos diretamente ao sujeito.

Ao ampliarem-se os benefícios sociais aos diversos grupos da população, especialmente o acesso da mulher a educação superior, o espaço a conquistar, como era de se esperar, foi o mercado do trabalho. A incursão da mulher na força do trabalho remunerado (porque ela trabalhou, mas sem salário) mudou novamente os referenciais da família. A emancipação da mulher gerou lutas em diversos âmbitos da sociedade, como também no âmbito doméstico e na consciência dela mesma.

Esse processo de incorporação total das mulheres no mercado de trabalho remunerado gera conseqüências muito importantes na família. A primeira é que quase sempre a contribuição financeira das mulheres é decisiva para o orçamento doméstico (CASTELLS, 2002, p. 208)

Para ganhar terreno nos direitos das mulheres, não foi suficiente o debate nas diferentes instâncias onde se dirimem os assuntos de ordem pública, talvez as negociações mais fortes que tiveram que se libertar, primeiro na auto-percepção como mulheres, como sujeitos com direitos, como sujeitos pro-ativos. E depois, paradoxalmente, no espaço onde se supõe que são as rainhas do lar. Supõe-se que as negociações tenham que se realizar com o rei de cada história, o pai, o esposo.

A pesar de todas as transformações, com fortes resistências, começaram a surgir novos modelos familiares que foram e são aceitos pela sociedade, superando assim alguns preconceitos. Contudo os termos antigos e mais discriminatórios como mulher abandonada, famílias sem pai e lares desfeitos tendem a desaparecer (GIDDENS, 2005, p. 183).

4. AS TENDÊNCIAS DE ACOMODAÇÃO

Mesmo que existam muitas opções de vida, parece surgir uma tendência importante: As pessoas valorizam a família. Talvez não formará a própria família mas, aprecia o ninho do qual ela provém; o divórcio desfez uma estrutura familiar; mas muitas pessoas divorciadas parecem inclinadas a iniciar outra família (monogamia sucessiva). É assim como a família parece estar presente como alternativa para um mundo cheio de competições, de ritmos acelerados, de individualismos, de riscos, de ruptura.

Hoje em dia as exigências do amor parecem incompatíveis com o casamento. Este novo amor tem duas características: É absoluto e atirado ao efêmero. A rejeição do casamento é a rejeição a submeter o casal a outras forças que não sejam os sentimentos. As esferas que pesam sobre o casal são múltiplas: afetivas, sexuais, materiais e não deixam lugar ao intercâmbio. Isto explica a quantidade de divórcios e a ruptura de uniões livres.

Para nós, deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha (...)

Assim viver juntos (e vamos esperar para ver como isso funciona e aonde vai nos levar) ganha o atrativo de que carecem os laços de afinidade. Suas intenções são modestas, não se apresentam juramentos, e as declarações, quando feitas, são destituídas de solenidade, sem fios que prendam nem mãos atadas...

O futuro parentesco, quer desejado o temido, não lança a sua longa sombra sobre o viver juntos. Viver juntos é por causa de, não a fim de. Todas as opções mantêm-se abertas, não se permite que sejam limitadas por atos passados. (BAUMAN. 2004, p. 46)

Estas transformações nas relações do casal levam a repensar a dimensão do amor, que na antiguidade procurava prolongar-se por um tempo indeterminado: até que a morte os separe. Nesta nova dimensão de viver o amor entre o homem e a mulher, o que prevalece são os direitos de igualdade de um para com o outro. Nesta perspectiva não é tão importante o que se possa construir junto, e sim a própria realização pessoal. Os filhos passam para segundo plano.

Ter filhos significa avaliar o bem-estar de outro ser, mais fraco e dependente, em relação a nosso próprio conforto. A autonomia de nossa preferência tende a ser comprometida, e continuamente: ano após ano, dia após dia. A pessoa pode tornar-se o horror dos horrores

dependente. Ter filhos pode significar a necessidade de diminuir as ambições pessoais, sacrificar uma carreira (BAUMAN, 2004, p. 46)

A sexualidade, desligada da destinação a criar vínculos duradouros de responsabilidade recíproca, coincide sempre mais com a sua dimensão lúdica, deixando na sombra a dimensão procriativa (PETRINI 2003, págs. 73-76). Conforme observa Castells, “a sexualidade torna-se uma necessidade pessoal que não deve necessariamente ser canalizada e institucionalizada para o interior da família” (CASTELLS 2003, pág. 261). Os meios contraceptivos provocaram uma mudança ainda mais significativa para a mulher, que “deixou de ter a sua vida e a sexualidade atadas à maternidade como a um ‘destino’, recriou o mundo subjetivo feminino e, aliado à expansão do feminismo, ampliou a possibilidade de atuação da mulher no mundo social” (SARTI 2004, pág. 194).

Os avanços científicos levam a repensar o significado da sexualidade. No que no passado foi impossível de dissociar, com a ciência e a técnica começou a ser possível separar a sexualidade da procriação. A inseminação artificial possibilita que seja possível procriar sem a necessidade da sexualidade.

A sexualidade passou a fazer parte de uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências da reprodução. Com a elaboração adicional de tecnologias reprodutivas, essa diferenciação hoje em dia tornou-se completa... A reprodução pode ocorrer na ausência de atividade sexual... (GIDDENS, 2002, p. 33)

Ao longo do texto se passou rapidamente pela complexidade do tema sobre a família. O horizonte continua sendo amplo e requer maior atenção para compreender caminhos que levem a um maior entendimento da importância da relação dos gêneros e as gerações no espaço familiar. Há que preservar, se for necessário, a família como núcleo de apoio, mesmo que se aceite que sua estrutura continua mudando.

A consequência é que os problemas que afligem as cidades contemporâneas não podem ser resolvidos reformando-se os próprios centros urbanos, por mais radical que seja a reforma. Não há, permita-me repetir, soluções locais para problemas gerados globalmente (GIDDENS, 2002, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das análises da realidade, dos estudos sociológicos e das diferentes posições das áreas do conhecimento, se deduz uma conclusão geral: a família é apreciada como um valor, mas ela é uma realidade de significativa complexidade. Isto não impede de articular todos seus significados dentro de um esquema conceitual, portanto, a família é um grupo humano, que tem uma estrutura, uma dinâmica e alguns ciclos de vida.

O modelo de família vem experimentando mudanças nas últimas décadas: a mulher trabalha fora do lar da mesma maneira que o homem, os trabalhos da casa e o cuidado com os filhos devem ser partilhados. A família como instituição deve se adaptar às mudanças impostas pelos novos tempos, mantendo o lar como o espaço de encontro por excelência, não estando sujeito a variações.

O amor filial e fraterno manifesta-se na aceitação mútua de todos os membros tal como eles são, com suas limitações de qualquer tipo -físicas, psíquicas, intelectuais, de caráter e outros- e seus valores, para propiciar seu crescimento pessoal, o desenvolvimento harmonioso das possibilidades de cada um. O amor mútuo impulsiona a seus integrantes a fortalecer constantemente os laços afetivos que tecem a comunidade familiar e fazem dela o lugar de

encontro pessoal por excelência, onde todo ser humano aprende, sentindo-se incondicionalmente acolhido e amado, aceitar-se a si mesmo com o desejo de superação e a entregar-se gratuitamente para contribuir à promoção dos demais.

Para Wojtyla, os vínculos familiares estão orientados para a realização humana, quando um homem e uma mulher começam a experimentar um afeto que faz crescer entre eles uma relação preferencial e recíproca de dedicação e de doação. O casal começa a partilhar todos os aspectos da existência, desde o cotidiano mais concreto, com suas tarefas, limites, responsabilidades, até a perspectiva futura de crescimento conjunto, de cooperação em todas as circunstâncias da vida, de abertura para gerar filhos e educá-los. O vínculo familiar conecta a pessoa numa rede de relações existencialmente intensas e significativas para a elaboração dos comportamentos e das decisões que toma, de uma maneira muito profunda (PETRINI, 2005)

REFERÊNCIA

- ALES, Bello Ângela. Fenomenologia e Ciências Humanas. Bauru, SP Edusc, 2004.
- ALES, Bello Ângela. La Fenomenologia do Ser Humano. Bauru, SP Edusc, 2001.
- BADINTER, Elisabeth. Hombres/ Mujeres. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARG, Liliana. Los vínculos familiares. Buenos Aires: Espacio, 2003.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; e PASSERON, J.-C. Ofício do Sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAVENACCI, Massimo. Dialética da Família. São Paulo: Brasiliense, 1984
- CAFFARRA, Carlo. La famiglia come ambiente di crescita umana. Anthropotes. Año 10, n. 2, p. 217- 225, 1994.
- CASTELLS, Manuel. Il potere delle identità. Milano: Università Bocconi, 2003.
- CICHELLI-PUGEAULT, Catheriney CICHELLI, Vincenzo. Las teorías sociológicas de la familia. Buenos Aires: Ed. Nueva visión, 1999.
- CIFUENTES, Rocio. Como aprender a investigar. Bogotá: Javeriana, 1988.
- COOPER, David. A morte da família. São Paulo: Martin Fontes, 1994.
- DA SILVA, Paulo Cesar. A antropologia personalista de Karol Wajtyla. Unisal, SP Idéias e Letras, 2005.
- DONATELLI, Dante. A vida em família. São Paulo: ARX, 2006.
- DONATI, Pierpaolo. La famiglia come relazione sociale. Milano: ed. Gianfranco Angeli, 2002
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2000.

- EHLERS, Peixoto Clarice; SINGLY, François de. (Orgs) Família e Individualização. Rio de Janeiro, FGV editora. 2000
- ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade e do estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981
- GALLEGO, José Andrés e ADÁN, José Pérez (orgs). Pensar la familia. Madrid. Ediciones Palabra, 2001.
- GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 2002.
- GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo, ENESP. 1991.
- GIDDENS, Anthony. Sociologia. São Paulo. Art Méd. 2005.
- GIL, Hellin Francisco. El bien del matrimonio y la comunión conyugal. Anthropotes. Año 4, n. 2, p. 231- 238, 1992.
- GIL, Hellin Francisco. Fundamento moral del acto conyugal: aspecto unitivo y procreativo. Anthropotes. Año 2, n. 2, p.161- 163, 1986.
- GIL, Hellin Francisco. La sociedad de hombre y mujer expresión primera de la comunión personal. Anthropotes. Año 4, n. 1, p. 161- 163, 1988.
- GUIMARÃES, Alba Z. & BOHANNAN et al. Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. Lezioni di sociologia. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi. 1996.
- JABLONKI, Bernardo. Até que a vida nos separe: (a crise do casamento contemporâneo); capa: Gláucia Aguiar. 2 Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005
- JACQUET, Christine; FIALHO, Livia (Orgs). Família em mudança. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.
- JOÃO PAULO II. Carta às Famílias. São Paulo: Paulinas, 1994
- JOÃO PAULO II. Evangelium Vitae. São Paulo: Paulinas, 1995.
- JOÃO PAULO II. Familiaris Consortio. São Paulo: Paulinas, 1981.
- JOÃO PAULO II. Memória e Identidade. Rio de Janeiro. Objetiva. 2005.
- JUAN PABLO II. Varon y Mujer. Madrid: Palabra, 2003.
- KERTZER, David I.; BARBAGLI, Marzio (Comps.). La vida familiar en el siglo XX. España: Paidós, 2004.

- LIPOVETSKY, G., *Metamorfose da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre, Sulina. 2004a.
- LIPOVETSKY, Gilles. *El Imperio de lo efimero*. Barcelona: Anagrama, 2004b.
- LIPOVETSKY, Gilles. *La tercera mujer*. Barcelona: Anagrama, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. *El Lujo eterno*. Barcelona: Anagrama, 2004.
- MELINA, Livio. *Ecclesialità e teologia morale*. *Anthropotes*. Año 5, n. 1, p. 7- 27, 1989.
- MELINA, Livio. *Moral: entre la crisis y la renovación*. Barcelona, Ediciones internacionales universitarias, 1996.
- MELINA, Livio. *Simbololismo sponsale e materno nella formazione della coscienza morale cristiana*. *Anthropotes*. Año 8, n. 2, p. 137- 169, 1992.
- MORRISON, Andrew R.; LORETO Biehl, Maria. *A família ameaçada*. Rio de Janeiro. Banco Internacional de desenvolvimento fundação Getúlio Vargas. 2000.
- OUELLET, Marc. *Crhristocentrisme trinitaire*. *Anthropotes*. Año 16, n. 2, p. 305- 323, 2000.
- OUELLET, Marc. *Divina Somiglianza, Antropologia trinitaria della Famiglia*. Roma, Lateran University press, 2004.
- PETRINI, João C. *Pós-modernidade e Família*. Bauru, S.P. Edusc, 2003.
- PETRINI, João C.; MENEZES, Josafá (Orgs). *Homem e Mulher o criou, Catequeses sobre o amor humano*. Bauru, S.P. Edusc, 2005.
- PETRINI, João C.; MOREIRA, L. V. de C.; ALCÂNTARA, M. A. R. (Orgs). *Família XXI*. São Paulo: companhia limitada, 2003.
- PETRINI, João CAVALCATI, V. (Orgs), *Família sociedade e subjetividade. Uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005
- ROUDINESCO, Elisabeth. *La familia en desorden*. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- SCOLA, Ângelo, MELINA, Livio. *Profezia Del Mistério Nuziale*. *Anthropotes*. Año 14, n. 2, p. 171- 197, 1998.
- SCOLA, Ângelo. *Identidad y diferencia*. Madrid: Encuentro, 1989.
- SCOLA, Ângelo. *La cuestion decisiva del amor: Hombre- mujer*. Madrid: Encuentro, 2003.
- SCOLA, Ângelo. *O mistério Nupcial*. Bauru, S.P. Edusc, 2003.
- SEMEN, Yves. *La sexualidad según Juan Pablo II*. España: Desclée de Brouwer, 2005.

THIOLLENT, M.J.M. Crítica Metodológica, Investigação social e Enquête Operária. São Paulo: Polis, 1980.

VILADRICH, Pedro-Juan. La institución del matrimonio: los tres poderes. Madrid: RIALP, 2005.

WOJTYLA, Karol. El don del amor. Madrid: Biblioteca palabra, 2005.

WOJTYLA, Karol. El hombre y su destino. Madrid: Biblioteca palabra, 2005.

WOJTYLA, Karol. Mi visión del hombre. Madrid: Biblioteca palabra, 2005.

WOJTYLA, K. Metafísica della Persona, a cura di Giovanni Reale e Tadeusz Styczen. Milano: Bompiani, 2003.

WOJTYLA, Karol. Amore e reponsabilitá. 6a ristampa. Genova: Marietti 1820, 1999.